

SEMEAR MUNDOS POSSÍVEIS ALÉM DO CAPITALISMO: MULHERES E NOVOS AGENCIAMENTOS NA FIÇÃO CIENTÍFICA

SOWING POSSIBLE WORLDS BEYOND CAPITALISM: WOMEN AND NEW FORMS OF AGENCY IN SCIENCE FICTION

RESUMO

Vivemos uma policrise do sistema terrestre: mudanças climáticas, neofascismo, colonialismo imperialista, fome, guerras, esgotamento, genocídios, a falácia do desenvolvimento sustentável, feminicídio, nova caça às Bruxas e suas inúmeras consequências diretas e indiretas. Essas instabilidades possuem uma causa comum: a exploração e a violência predatória do sistema capitalista, que exige a degradação da natureza e da vida humana e reconstitui divisões baseadas em gênero, raça e idade. Pensar alternativas para essas crises nos leva à proposição do Ecofeminismo, que reitera a importância da luta das mulheres e a defesa da natureza como essenciais para a superação deste sistema, reconhecendo-os como parte da mesma exploração opressiva do capitalismo. O objetivo deste artigo é compreender como o ecofeminismo literário da ficção científica escrita por mulheres nos ajuda a pensar outras formas de agenciamento para além do capitalismo, a partir da análise das obras *Floresta é o Nome do Mundo* (1972) de Ursula K Le Guin, e *O Ano do Dilúvio* (2009), de Margaret Atwood. Nossa proposta está relacionada a uma abordagem que considera essas obras, escritas por mulheres e que tomam personagens femininas e ligadas à terra como foco principal para construir uma outra forma de continuidade além do capitalismo, como uma literatura menor. Deste modo, propomos uma pesquisa bibliográfica que articula a análise dessa literatura menor a partir da proposta conceitual rizomática de Deleuze e Guattari, em diálogo com os conceitos de Donna Haraway (2016) e Ursula Le Guin (1986), ao discutir a terraformação do mundo através da contação de outras histórias e das relações com o meio.

Palavras-chave: Ecofeminismo. Ficção Científica. Policrise. Capitalismo. Literatura menor.

Anna Carolina Cunha da Silva Nunes

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (UFAC), com pesquisa financiada pela CAPES. E-mail: annacarolinacsn@gmail.com

Maria Lionilde Araújo da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (UFAC), com pesquisa financiada pela CAPES. Rio Branco/AC, Brasil. E-mail: liaaraujofass@gmail.com

Josina Maria Pontes Ribeiro

Doutora em Ensino de Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/FIOCRUZ). Docente na área de Ciências Sociais no Instituto Federal do Acre - IFAC. Rio Branco/AC, Brasil. ORCID: 0000-0003-2782-6083. E-mail: josina.ribeiro@ifac.edu.br

ABSTRACT

We are experiencing a “polycrisis” of the Earth system: climate change, neo-fascism, imperialist colonialism, hunger, wars, resource depletion, genocides, the fallacy of sustainable development, femicide, a new witch hunt, and their countless direct and indirect consequences. These instabilities share a common cause: the exploitation and predatory violence of the capitalist system, which demands the degradation of nature and human life and reinforces divisions based on gender, race, and age. Thinking about alternatives to these crises leads us to the proposition of Ecofeminism, which reaffirms the importance of women’s struggle and the defense of nature as essential to overcoming this system, recognizing them as part of the same oppressive exploitation of capitalism. The aim of this article is to understand how the literary ecofeminism of science fiction written by women helps us to envision other forms of agency beyond capitalism, based on an analysis of the works *The Word For World is Forest* (1972) by Ursula K. Le Guin, and *The Year of the Flood* (2009) by Margaret Atwood. Our proposal is related to an approach that considers these works, written by women and featuring female characters connected to the earth as their main focus, as a means to build another form of continuity beyond capitalism, as a minor literature. Thus, we propose a bibliographic study that articulates the analysis of this minor literature based on Deleuze’s rhizomatic conceptual proposal.

Keywords: Ecofeminismo. Science fiction. Polycrises. Capitalism. Minor literature.

Primeiras palavras

Grande parte das urgências que acometem o presente encontram-se em uma esfera que interliga acontecimentos e teorias, compondo um momento de policrise, isto é, um momento em que riscos sistêmicos se combinam e se somam em escala local ou planetária de maneira desigual (Fernandes, 2025, p. 4). Tais desigualdades atingem as esferas social, econômica, política e ecológica e as soluções propostas para este contexto giram em torno de ajustar parâmetros e aumentar a resiliência para navegar pelas tempestades do presente e do futuro capitalista (Fernandes, 2025, p. 4), ou, para além do capitalismo, como forma de reivindicar outros mundos possíveis e outras formas de conceber a realidade. De certo, vivemos uma policrise do sistema terrestre: bomba nuclear, mudanças climáticas, poluição, neofascismo, colonialismo imperialista, necropolítica, fome, depredação mineral, guerras, esgotamento de lagos e rios, produtos químicos e tóxicos, genocídios, a falácia do desenvolvimento sustentável, feminicídio, nova caça às Bruxas e suas inúmeras consequências diretas e indiretas.

Acrescido a isso, aponta Federici (2022, p. 52-54) a automação do trabalho no neoliberalismo tem focado nos meios de reprodução mais básicos: a terra, a casa e o salário com o objetivo de expandir o contingente de trabalhadores em todo o globo terrestre. Esse novo ajuste do capital, desmantela o Estado de bem-estar social tão propagado pelo discurso da democracia e leva a crise da dívida, a guerra, a violência, a expropriação de terras, um contingente de trabalhadoras e trabalhadores sem direitos,

sem garantias prontos a se deslocarem de um lugar a outro por curtos prazos, salários reduzidos, novas formas de exploração inimagináveis. Essa globalização das mazelas e do empobrecimento do mundo alcançando 70% da população mundial (239 milhões de pessoas) com fome crônica e desnutrição, números de 2010, enquanto vultosas e obscenas somas de dinheiro passam por bancos das megalópoles. Assim, como na primeira fase de desenvolvimento do capitalismo, as mais diretamente afetadas por essas políticas, aponta a autora feminista, são as mulheres, em especial as de baixa renda e racializadas que em suas comunidades ao redor do mundo, não possuem meios de reproduzir e sustentar a si mesmas e as suas famílias, ou só conseguem vendendo seus serviços no mercado global, muitas vezes cuidando de crianças que não são suas. As mulheres também são alvo por causa de seu sustento e seus papéis de cuidado nas comunidades, especialmente na África e América Latina com a agricultura de subsistência que atrapalha a grande investida de capital e do Banco Mundial de criar mercados de terra e de possuir todo o controle dos recursos naturais:

O Banco Mundial adotou a crença de que só o dinheiro é produtivo, entendendo que a terra se torna estéril e causadora de pobreza quando usada “apenas” para subsistência. Assim, o banco não só fez campanha contra a agricultura de subsistência, por meio da reforma das leis de terras, escrituras individuais e abolição da posse consuetudinária, como também não poupou esforços para submeter mulheres ao controle das relações monetárias - por exemplo, através da promoção do microfinanciamento, uma política que já transformou milhões em servas e servos contratualmente presos a bancos e organizações não governamentais que controlam empréstimos (Federici, 2022, p. 55).

Essa política da dívida, nova fase da acumulação capitalista, ainda é acumulação do trabalho e continua a demandar miséria e escassez global. Ela segue exigindo a degradação da natureza e da vida humana e reconstitui divisões baseadas em gênero, raça e idade. Pensar alternativas para essas inúmeras crises do sistema capitalista nos levam a proposição do Ecofeminismo, que reconhecem a importância da luta feminista e a defesa da natureza como essenciais para a superação deste sistema, ou melhor, por reconhecer a luta das mulheres e do meio ambiente como parte da exploração predatória e opressiva do capitalismo desde sua gênese. A “mulher” é aqui entendida como uma construção social e não um dado da natureza (Beauvoir, 2016; Wittig, 2022), mas um ser ligado a vida e a comunidade, desde os primórdios da humanidade, porém negando todo e qualquer essencialismo. Deleuze e Guattari ao afirmar a construção dos devires dos seres, vão asseverar que o devir, começa necessariamente por um devir-mulher, afinal, o corpo feminino foi o primeiro a ser codificado pela máquina binária do poder (Deleuze; Guattari, 2024, p.72).

Os filósofos tentam ultrapassar as codificações binárias dos seres e defendem que somos seres segmentados, compostos por linhas de desejos (molares, moleculares

e de fuga) que se conectam entre pessoas, coisas e processos. É nessa perspectiva que escrevemos como quem tece uma trama intrincada formando imensas teias com linhas, seres diversos, devires e processos num devir-aranha/mulher/abelha/intempestivo para pensar literatura, ecofeminismo e uma alternativa ao sistema econômico que a terra está à mercê com os agenciamentos¹ de desejo predatórios capitalistas/neoliberais.

Como abordagem teórico-metodológica começaremos tecendo argumentos justapostos do texto da escritora Ursula le Guin, “*A ficção como cesta: uma teoria*” e o platô “*Rizoma*” dos filósofos Deleuze e Guattari (2024) buscando pontos de convergência nas teorias da escritora e dos filósofos, formando assim uma cartografia nova e relacional entre a ficção científica escrita por mulheres da perspectiva ecofeminista com a filosofia deleuze-guattariana dos devires e novos agenciamentos na literatura. O objetivo deste artigo é, portanto, entender como o ecofeminismo literário da ficção científica escrita por mulheres nos ajuda a pensar outras formas de agenciamento para além do capitalismo, a partir da análise das obras *Floresta é o Nome do Mundo* (1972) de Ursula K Le Guin, e *O Ano do Dilúvio* (2009), de Margaret Atwood². Deste modo, propomos uma pesquisa bibliográfica que articula a análise dessa literatura menor partir da proposta conceitual rizomática de Deleuze e Guattari, em diálogo com os conceitos de Donna Haraway (2016) e Ursula Le Guin (1986), ao discutir a terraformação do mundo através da contação de outras histórias e das relações com o meio. Nossa proposta está relacionada a uma abordagem que considera essas obras, escritas por mulheres e que tomam personagens femininas e ligadas à terra como foco principal para construir uma outra forma de agenciamento além do capitalismo, uma literatura tensionada com as mazelas atuais e que entendemos que formam uma literatura menor³ nos moldes deleuze-guattarianos. Ao promover outros tipos de agenciamento, esse tipo de literatura, identificado na ficção científica feminina, pode criar outras possibilidades de terraformação e outros mundos possíveis.

1 Objetos por excelência do romance, os agenciamentos possuem duas faces, o agenciamento coletivo de enunciação e o agenciamento maquínico. São, resumidamente, conexão de natureza heterogênea entre os mais diversos elementos: biológicos, sociais, tecnológicos e discursivos que criam realidade e funcionam coletivamente. O agenciamento não remete a uma produtividade de linguagem, mas ao regime de signos, a uma máquina de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua (Deleuze e Guattari, 2017, p. 147).

2 *The Word For World is Forest* (1972), Ursula K Le Guin; *The Year Of The Flood*, Margaret Atwood (2009). As edições utilizadas neste artigo foram, respectivamente, as traduções de Heci Regina Candiani e Márcia Frazão, publicadas no Brasil em 2020 (Morro Branco) e 2011 (Rocco).

3 Uma literatura menor em Deleuze e Guattari não é uma oposição binária entre literatura maior e menor. Mas, uma literatura desenvolvida pelo estilo do autor que tensiona a língua padrão ou oficial, a fazendo vibrar e construindo linhas de fuga para os devires dos seres. Assim, entendemos que a ficção científica feitas por mulheres é uma literatura menor, pois tensiona a linguagem oficial e cria novas possibilidades de contar histórias e reinventar o mundo. As literaturas menores trabalham no nível molecular dos agenciamentos coletivos de enunciação para uma coletiva (Deleuze; Guattari, 2017).

Rizomas e cestas: Conexões

O saber ocidental é baseado na ideia de um sistema arbóreo que tem a representação como foco enunciativo, reproduzindo dualidades à sua volta, almejando que todas as árvores sejam idênticas a si mesma, reproduzindo um molde identitário. Essa dualidade está intrinsecamente plantada numa lógica de um pensamento arborescente, onde a árvore articula e hierarquiza conceitos segundo Deleuze e Guattari (2024, p. 30). Toda a cultura ocidental é arbórea e fundada sobre hierarquias, da biologia à linguística. Ao ponto de a representação da árvore plantar-se nos corpos, mentes e endurecer os sexos. Deleuze retomará a preocupação nietzschiana da linguagem ao combater a ideia do sujeito do *cogito* e da árvore do saber descrita por Descartes numa razão instrumental de dominação da natureza. O modelo que se contrapõe ao sistema arbóreo de dominação é o rizoma. Mas o que é um rizoma? Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (2024) tecem o rizoma como sendo o oposto a árvore, entendida como sistema epistemológico que formam redes horizontais sem hierarquias, construindo conexões e rupturas. Ocorre que o rizoma não é objeto de reprodução, ele é objeto de fuga em toda parte e procede da variação, da expansão. Por se opor a sistemas binários ele se constitui como mapa, sempre desmontável e (re)montável, com entradas múltiplas e saídas igualmente infinitas:

Resumamos os principais caracteres do rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que devém dois, nem mesmo que deviria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (Deleuze; Guattari, 2024, p. 43).

Le Guin (1986) defende que a primeira ferramenta humana não foi uma arma, mas uma cesta para carregar alimentos e outras coisas necessárias. Essa proposição se contrapõe à ideia da narrativa da evolução, ao colocar a coleta de alimentos numa perspectiva secundária de cuidado e de valorização da vida comum e destacar uma teoria das ferramentas que contribuiria para uma épica da violência na teoria literária. Alguns pontos cartografados serão tecidos ao pensamento rizomático de Deleuze e Guattari. A ideia da evolução na narrativa humana da figura do herói, posição hierárquica de origem arbórea (Deleuze; Guattari, 2024) só ficaria bem em um palco, em um pedestal ou de um pináculo, e tal figura só teria nascido posteriormente quando o tempo livre podia ser aproveitado. No princípio, a autora defende que existia a cesta

ou saco para coleta de coisas que perpetuasse sua energia. O primeiro dispositivo cultural foi possivelmente uma espécie de cesta “[...] Muitos teóricos acreditam que uma das primeiras invenções culturais pode ter sido um recipiente para guardar produtos coletados e algum tipo de tipóia ou rede para carregar as coisas” (Le Guin 1986, p. 2). Tal ideia tem sustentação se pensarmos que o nomadismo era prática dos primeiros povos da terra. Ao propor novas epistemologias, Deleuze e Guattari (2024), em outro platô, nos convidam a sermos nômades, a nos posicionarmos no meio, no meio da grama, da estepe, do deserto, em trânsito, criando redes horizontais e rizomáticas que conectam todos os seres e a própria vida.

Para Ursula Le Guin, a ficção teria a função de cesta onde seria guardado conceitos, palavras, coisas, sentidos, ou seja, novos agenciamentos a serem transportados para novas histórias dos comuns, histórias novas que conectam pessoas, eventos e coisas e não apenas focado na jornada do herói, destronando essa figura de poder e focando nas (inter)relações entre os seres de forma a tecer histórias rizomáticas da vida cotidianas e contrapondo histórias de poder e violência, evitando a linearidade:

Então, quando comecei a escrever romances de ficção científica, comecei a carregar essa grande cesta pesada de coisas; a minha cesta cheia de fraquezas e bobagens, e de minúsculos grãos de coisas menores que uma semente de mostarda, e de redes intrincadamente tecidas que, quando laboriosamente desatadas, contêm um seixo azul, um cronômetro imperturbável marcando o tempo de outro mundo e o crânio de um rato; cheia de começos sem fins, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e de muito mais truques do que conflitos, muito menos triunfos do que armadilhas e ilusões [...] (Le Guin, 1986, p.6).

Ao relacionarmos a ficção de Le Guin (1986) com a ideia de literatura menor para Deleuze e Guattari (2017), percebemos o questionamento de mundos semeados em atividades bruscas, violentas e germinada pelo sangue dos sujeitos comuns que nunca tiveram a oportunidade de terem suas histórias contadas. Ao questionar esses agenciamentos, é possível propor novos agenciamentos coletivos que contem histórias outras, fugindo do perigo da história única (Adichie, 2019). Esses novos agenciamentos são os fardos terreno dos descendentes de mulheres, pessoas escravizadas, indígenas, migrantes, refugiados e nômades (Haraway, 2023, p. 240), afinal essa nova ficção faz gaguejar a língua oficial (Deleuze; Guattari, 2017). Assim como Le Guin propõe outras formas de contar histórias e reafirma sua importância na construção de novos agenciamentos, isto é, na terraformação de outros mundos possíveis a partir da reconexão com histórias outras que fujam do modelo universal que silencia e reprime outras experiências.

A esse respeito, Donna Haraway chama atenção para o fato de que existem várias formas de contar a história do mundo, das existências e sobrevivências em um mundo quase devastado (Haraway, 2023, p. 241), estas histórias, as que podem ser

contadas por outros sobreviventes e minorias para além do herói, seriam formas de resistir a hegemonias de destruição e exploração das mais diversas formas, inclusive no campo da linguagem. Para além disso, a autora reconhece a importância da aliança multiespécies para transpor a divisão assassina entre natureza, cultura e tecnologia ou entre organismo, linguagem e máquina (Haraway, 2023, p.241), o que consiste em uma recuperação: a recuperação do mundo, de outros mundos, da nossa história e de outras histórias possíveis através de conexões impensadas que permitem a aceitação dos problemas do mundo não como acontecimentos naturais, mas como parte daquilo que compõe as nossas múltiplas narrativas.

Neste sentido, a ficção, a contação de histórias, de tal forma, permite que os caminhos estejam abertos para a passagem de diferentes construções que desviem das “soluções” improdutivas geralmente propostas para estas inúmeras questões, apontadas por Haraway (2023) como a fé cósmica e religiosa, em Deus ou na tecnologia como seu equivalente para salvar a todos, ou na inércia destrutiva de acreditar que já é tarde demais e que não haveria mais tempo para a mudança ou para uma tentativa de recuperação. Os pensamentos multi-trabalhados do devir-conosco ajudam a construir realidades, narrativas, histórias e enfrentamentos para construir possibilidades e conceitos que sejam capazes de habitar o mundo da imaginação e o mundo em que vivemos.

Ao criarmos novos agenciamentos, ousamos sonhar com novas linguagens que possibilitem remover os centrismos (eurocentrismo, antropocentrismo e logocentrismo), visando a emancipação da lógica binária imposta pela filosofia capitalista de ter e escolher entre o progresso ou a regressão. Nossa proposta, seguindo Bahaffou e Gorecki (2025), Federici (2023) e Eaubonne (2025), é abraçar o comum de sujeitos não hegemônicos, mestiços, ancestrais e limítrofes, que encontram em suas práticas cotidianas contra hegemônicas a alternativa do *comum* (Federici, 2025, p. 174). Nesses termos, o comum é uma reivindicação que vem no bojo das lutas sociais e culturais contra a ordem capitalista e o estado empresarial que o fundamenta. Essa alternativa ao liberalismo é, pois, um princípio efetivo de resistência à dinâmica do capital e conduz a “[...] formas originais de ação e discurso [...]” de movimentos sociais, entre eles, o das mulheres. Antes de ser uma invenção conceitual, é a vivência desses grupos em uma nova visão das esferas da sociedade, da cultura e da vida. Vale destacar que esse termo remonta a referência antiga do termo “*commons*” como possibilidade para além do capitalismo (Dardot; Laval, 2017, p. 16-17).

Para além do capitalismo: Possibilidades de reivindicação do comum

Neste caminho, Haraway (2023, p. 238) sugere a contação de estórias em que o caçador ainda possa estar presente, mas que não sejam somente sobre ele (o humano autoprodutor, o que abre espaços para estórias do devir-com e traz possibilidades de terraformação, que reivindicam o comum a partir da criação de novas formas

de compor o mundo em movimento de ressonância com as forças vivas da terra (Mbembe, 2025, p. 51). Pensar o comum para além do capitalismo é negar o discurso de uma emergência climática enquanto problemas de todos, enquanto as *big* empresas, as classes dominantes e os estados imperialistas devassam o planeta em um afã de acúmulo de riquezas e poder, eximem-se de sua responsabilidade predatória (Dardot; Laval, 2017, p. 13). Essa devastação, em meio a indicadores que reiteram a insustentabilidade deste modo de produção, não é culpa de uma humanidade indeterminada e sem rosto, mas de um seleto grupo de governantes e sociedades patriarcais capitalistas que mercantilizam os bens comuns do planeta.

A relação dos seres humanos sobre a terra nunca foi apenas econômica, mas uma troca quase existencial, pois ao mesmo tempo em que somos constituídos por ela, grafamos sobre sua matéria nossas impressões, memórias e vestígios dos “[...] restos materiais de corpos desaparecidos, os corpos de todos e todas que nascidos da terra, à ela retornaram. É o que faz da Terra carne, pele e corpo dos ancestrais” (Mbembe, 2025, p. 81). Há então nessa formação conjunta, aquilo que, para Haraway (2023) constitui uma Simbiose, palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos e que escreve uma mundificação conjunta (Haraway, 2023, p. 119), expandindo as relações entre os diversos mundos, espécies e maneiras de viver e reconstruir o comum. Terraformar e reconstituir o mundo consiste em pensar e criar possibilidades para além do capitalismo predatório que enxerga a vida como recurso a ser explorado e a todas as coisas como pertencentes a um ser humano superior. A ideia de construir o comum permite que possibitemos ao imaginário reformulações das relações com a terra e com as nossas subjetividades.

Federici (2023), ao trazer sua visão política sobre o comum como alternativa terrena, nos leva a refletir que não há comuns sem comunidade e, portanto, não existe comunidade sem mulheres. De igual modo, descreve as principais comunidades na África e na América Latina, locais onde o protagonismo feminino se posiciona de forma contra-hegemônica contra o capitalismo que desencanta o mundo e ataca os meios mais básicos de sobrevivência de quem não joga o jogo da brutalidade do capital.

Em 1917 com a Primeira Grande Guerra em curso, a chamada guerra das inovações tecnológica, Max Weber ao discursar em “Ciência como vocação” será categórico ao apontar que “[...]o destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes” (Weber, 2011, p. 35). O que seria esse desencantamento do mundo? É o desaparecimento do sagrado no mundo, o arrebatamento dos valores mágicos do mundo, não uma magia superficial apropriada pela cultura de massa hollywoodiana, mas um conceito de magia pré 1917, onde tal conceito se liga aos poderes do cosmo e o corpo em união, onde a terra é esse território de conexão. Federici (2023) no livro “Reencantando o mundo” ao propor um reencantamento do mundo pela via do comum e do trabalho coletivo das mulheres, não se refere ao passado ou a um retorno, mas uma abertura para o futuro, mostrando que essa é uma parte importante do projeto político dos comuns: a relação sagrada com a terra (Linebaugh, 2023, p. 10). Etimologicamente, encantar vem de “*chanter*”

que significa cantar. Reencantar o mundo, seria deixar que vozes silenciadas ressoem nas frestas do neoliberalismo e convidá-las a um coral profético que sonha mundos outros e os constrói, sejam eles de carne ou de papel.

Ecofeminismo literário

Nosso mundo de carne, existencialmente grafado nos sulcos da terra que agoniza, tem suas velhas veias apodrecidas pelo sistema patriarcal. Os problemas ecológicos apontados pelo ecofeminismo encontram-se nas estruturas de certo poder, um poder exercido por homens, não só porque os homens detêm o poder mundial, mas porque o poder, em nível inferior, está repartido em uma sociedade falocêntrica de modo a ser exercido pelos homens sobre as mulheres, reinando o sexismo (Eaubonne, 2025, p.184-185; Beauvoir, 2016, p. 112). A “civilização mais avançada”, discurso propagado como fim da História, tem em seu bojo a exploração predatória do planeta e as mudanças climáticas que afetam milhões de pessoas no globo. Esses problemas de origem masculina, baseados no sistema patriarcal, estão apoiados em um discurso judaico-cristão que colocou o homem como criatura reinante sobre toda a natureza e se perpetua em uma lógica de domínio racional e instrumental da natureza, fundamentada na modernidade pelo cartesianismo. O corpo feminino que produz a vida foi visto como parte da natureza e foi apropriado por essa mesma lógica de dominação do capital, como trabalho reprodutivo e não pago às mulheres, culminando na caça às bruxas (Federici, 2019) e consolidando essa sociedade de machos, construída para machos (Eaubonne, 2025, p. 185; Beauvoir, 2015, p. 17).

Essas lutas, feminista e ecofeminista, tiveram eco na literatura de ficção feita por mulheres. Diante de inúmeras metamorfoses ao longo das últimas décadas, a ficção científica, gênero que foi inaugurado pela autoria de Mary Shelley (*Frankenstein*, 1818), traz em sua história a escrita de mulheres que lutaram por narrativas de libertação e força feminina, como Naomi Mitchison e Joanna Russ, mas ainda assim como uma literatura fora do cânone e por muitas vezes apagada por narrativas tomadas como clássicas do gênero, escritas por homens e que ganharam maior visibilidade. De acordo com Browyn Lovell, três quartos das vozes ouvidas na ficção científica são de homens e dos trinta escritores de ficção científica nomeados pela indústria com a honra máxima, apenas cinco são mulheres (Lovell, 2020, p. 2). Apesar disso, as mutações da FC ainda nos permitem encontrar obras escritas para desbloquear esses silenciamentos: Ursula Le Guin, Margaret Atwood e nomes mais recentes como Veronica Roth e Suzanne Collins, tem ajudado a mudar essa regra, ainda que a ficção de mulheres para o grande público ainda esteja limitada a línguas hegemônicas e algumas narrativas que carregam homens como personagens principais.

Indo contra a corrente, apresentamos aqui algumas obras que, ao trazer o protagonismo feminino e formas de ler o mundo que se distanciam do cânone formado ao redor da ficção científica masculina, nos ajudam a entender para que rumo tem se

voltado narrativas contemporâneas que contemplem outras perspectivas e formas de habitar no mundo, buscando outras subjetividades. Para Cavalcanti, ficções como a trilogia *MaddAddam*, de Margaret Atwood, aproximam-se daquilo que Donna Haraway (2016) descreve como ficção científica: fato de ciência, ficção científica, fabulação especulativa e feminismo especulativo. De acordo com a pesquisadora, romances como o de Atwood apresentam fatos e ficções científicas interligadas e coloridas por especulações futuristas cujos conteúdos são nitidamente gendrados, ecológicos e distópicos, precisamente o que provoca nossas respostas à luz de uma leitura feminista e ecocrítica (Brandão; Cavalcanti, 2019, p. 12).

Apresentando os novos mapas do inferno (Moylan; Baccolini, 2003) ou aquilo que, ao narrar a história natural da distopia, Gregory Claeys descreve como viradas distópicas, narrativas que coabitam o campo da ficção científica e da distopia, tem se voltado cada vez mais para questões ecológicas e mapeado aquilo que passamos a aguardar como um “aviso de incêndio”, ou as premissas do fim para um futuro próximo ou já presente. Esse contexto literário junto ao presente momento da policrise mundial, nos permite encontrar as origens das tendências distópicas contemporâneas, em que abordagens como a invenção de novas espécies, venda de novas drogas, controle de notícias, superpopulação, substitutos ao ser humano, a extinção das espécies e as consequências dos excessos utópicos são, segundo Claeys “*fiction, but (in which) the general details are alarmingly close to fact*” (CLAEYS, 2018, p. 498)⁴, considerando discussões em torno do Antropoceno (Capitaloceno ou Androceno) e do Capitalismo. Apesar de alguns autores separarem a ficção científica da distopia, ou até mesmo de alguns pontuarem o hibridismo entre os gêneros (Baccolini; Moylan, 2003, p. 6), preocupações voltadas para questões de gênero e o colapso ecológico acabaram norteando nossa escolha por narrativas que estejam ao lado da luta Ecofeminista. Para além disso, pontuamos sua preocupação em não somente narrar o fim ou as moções do colapso, mas seu compromisso em narrar histórias gendradas que relatam a sobrevivência em um mundo devastado, como forma de reescrever *estórias* e permitir uma imaginação que recuse a desistência e valorize a forma multiespécie e ecofeminista de coabitar um mundo que, em suas ruínas, ainda luta pela reescrita da vida e da necessidade de imaginar outras formas de habitação.

A ficção científica de Ursula Le Guin constantemente questiona e enfrenta as barreiras por vezes construídas pela crítica entre a Utopia e a Distopia, propondo construções sociais e linguísticas complexas que unem história, ecologia, política e questões de gênero. De diferentes modos, a linguagem, tanto utilizada como criada por Le Guin, desalinha estruturas criadas ao redor de tais discussões, a começar pela desestabilização de mundos. Em *Floresta é o nome do mundo* (1972), escrito diante da revolta da autora em relação aos acontecimentos da Guerra do Vietnã, o planeta Athshe passa a ser dominado por humanos que, já não tendo mais recursos e possibilidades de vida em seu planeta devastado, tentam impor seu modo de vida e exploração no novo lugar através de práticas imperialistas, inclusive escravizando os alienígenas locais,

4 Um tipo de ficção em que os detalhes são assustadoramente próximos aos fatos (tradução nossa).

chamados Athsheanos. Aqui há uma contraposição de nomenclaturas: nos capítulos em que a perspectiva dos humanos é apresentada, os povos nativos do planeta são chamados de *creechies*, termo que remete a “criaturas” de maneira um tanto quanto pejorativa; o planeta recebe nomes como Colônia Novo Taiti e Ilha da Desova, sempre de maneira negativa e enfatizando a visão dos humanos de que aquele lugar é apenas um local geográfico para a exploração. Em contrapartida, da perspectiva dos Athsheanos, como se autodenominam, as palavras adquirem novas formas e sentidos: o planeta tem nome, cheiro, cor e vida.

Ao iniciarem a construção de um mundo feito somente para homens, os colonizadores impõem suas práticas binaristas ao novo lugar, exatamente da mesma forma que levou o próprio planeta anterior ao caos: derrubam florestas para a plantação de grãos, com a justificativa de estarem eliminando a escuridão e a selvageria do novo planeta. Envoltos em objetos antigos e gravações esportivas como entretenimento para suportar a vida longe da terra, os humanos recebem “cargas” de mulheres, vez ou outra, objetificadas para suprir os caprichos de homens solitários destinados a realizar destruições por um bem maior: a edificação da própria espécie e a certeza de que são capazes de dominar todas as criaturas, retirando ao máximo tudo o que não pode mais ser encontrado na terra dos planetas alternativos. “Mas eu gosto de colocar as coisas em perspectiva, de cima para baixo, e em cima, até o momento, estão os humanos”, diz Davidson, cuja perspectiva humana acompanhamos ao longo de alguns capítulos. Ocorre que Le Guin, ao também dar voz a um dos Athsheanos ao longo da narrativa, apresenta-nos um modo de vida completamente diferente daquele imposto pelos humanos e, para além disso, perspectivas que desestruturam a base dualista e estática da dominação: em todos os 40 territórios, as mulheres dirigiam às cidades e aldeias, em meio a inúmeras línguas, ramificações de culturas, valores, costumes e ocupações. A conexão dos Athsheanos com a floresta é colocada de modo que ao perceber árvores derrubadas e a mata devastada, percebem o sangue que escorre delas, como da pele de um semelhante. Os sons da cidade e das pessoas se misturam à floresta porque são parte dela, como um todo.

A linguagem utilizada pelos nativos não possui, por exemplo, palavra para deserto, o que é apresentado ao leitor quando uma das personagens indica a problemática existente no fato de que os humanos dizem estar “preparando o planeta para a chegada de suas mulheres” enquanto o que realmente estão fazendo é transformá-lo numa “praia seca”. A linguagem dos Athsheanos parece não conceber as mesmas formas de dominação existentes no pensamento humano, e enxergam os fatos de maneira completamente diferente. É inconcebível para Selver o fato de os humanos quererem as árvores para madeira ou a terra para plantações. Selver não compreende as formas de exploração presentes no pensamento humano e tampouco o fato de se dizerem “de fora da floresta”. Eles querem a floresta deles, querem matar, derrubar e dominar, como se os próprios Athsheanos tivessem de servi-los para o bem maior criado em nome do progresso humano. Os Athsheanos percebem a necessidade de mandá-los embora por serem um risco à vida de todos e à vida da floresta, que é parte de sua própria existência. Quando o povo da floresta se reúne para atacar os humanos, vemos então

a materialização do devir: mudar os caminhos para que modos múltiplos ascendam contra as formas de dominação e estruturação impostas por outro povo distante, que pretendem, além de modificar suas formas outras de existência, matar a vida que há na floresta e no pensamento alternativo dos Athsheanos. Recuperamos aqui a cesta real-ficcional pensada por Geni Nuñez, para quem a palavra pode ser utilizada como uma forma de medicina: é importante nomear e narrar aquilo que causa destruição, para que se conheça de fato o que está sendo feito, mas, mais importante ainda, é dar nome e narrar palavras-conceito que indiquem ações realizadas em nome da resistência e sobrevivência a esses feitos. Para Nuñez (2020), não é porque os outros seres e os rios não falam com a mesma linguagem que nós, que eles não se comunicam e não nos dizem coisas.

A paisagem do planeta Athshe é uma personagem em tanto na narrativa de Le Guin. Os tons do pôr do sol, os ventos, a forma das folhas, o barulho e o movimento da água, o cheiro do ar e do solo e a vida brotando das entranhas da terra. Ideais de um paraíso corrompido por aqueles que acreditam que o progresso está acima de qualquer relação sensível com a terraformação da vida. Ao estabelecer uma crítica ao modo de exploração dos humanos tanto para com a floresta, quanto para com as mulheres de sua própria espécie e com os nativos escravizados e desumanizados, e desestabilizar esses conceitos através de uma revolução Ecofeminista e Athsheana, Le Guin apresenta ao leitor formas de um devir que foge da narrativa comum de dominação, exploração e destruição. Os Athsheanos lutam pelo seu povo, por sua terra, por suas Anciãs e mostram aos colonizadores, que descrevem aquele mundo com palavras vazias, que não se pode separar a própria vida da vida do mundo, da floresta. Os ideais exploratórios dos criadores da Central afirmam que “raças primitivas sempre devem ceder espaço para as civilizadas” e comemoram e idealizam estupros e violências como se a espécie Athsheana fosse indigna de qualquer tratamento-com; e privam a floresta de existir em sua própria terra, interessados apenas naquilo que podem retirar dali em benefício próprio. Quanto a isso, a narrativa de Le Guin estabelece um “não” em alto e bom som: a sobrevivência deve ser territorial, conjunta e múltipla. As formas do Devir-com indicam caminhos através de uma linguagem que desafia as estruturas da norma. Ao imaginar formas de desviar a narrativa comum, heróica, branca, colonizadora, do humanismo excepcional, de tomar o fim como única perspectiva, de “imaginar o fim do mundo ao invés do fim do capitalismo como única possibilidade”, as narrativas ecofeministas, que aproximam a terra da história de mulheres que sobrevivem e imaginam outros mundos, que sobrevivem num mundo devastado e promovem outras formas de pensar, a ficção científica escrita por mulheres cria agenciamentos coletivos capazes de imaginar e reimaginar as subjetividades no mundo capitalista.

Algo semelhante, mas ainda assim totalmente diverso, é feito por Margaret Atwood na que é tida como a segunda obra da trilogia *MaddAddam*, publicada em 2009, *O Ano do Dilúvio*. Margaret Atwood tem contato com narrativas de ficção científica desde muito pequena, como narra em seu *In Other Worlds: SF and Human Imagination* (2011), em que recupera memórias de suas primeiras leituras no mundo da fantasia e apresenta ao leitor sua teoria sobre a construção das próprias obras. Atwood

costuma chamá-las, as que tratam de uma familiarização com a ficção científica, de Ficção Especulativa, já que, como descrito por ela, esse tipo de narrativa nada teria de muito inventivo, mirabolante ou fantasioso, mas sim, apresentam acontecimentos e elementos que são baseados em tecnologias e fatos que já existiram ou aconteceram em algum momento na história da humanidade, em algum lugar: ela apenas os conectam de maneira sugestiva, exagerando-os na medida certa para se tornarem uma visão catastrófica do futuro. Em sua primeira grande distopia, *The Handmaid's Tale* (1985), Atwood já nos apresenta uma discussão feminista frente ao controle de corpos femininos e uma perspectiva feminina: a de Offred, uma aia que vê o mundo que conhece se diluir aos poucos em uma teocracia que toma os corpos das mulheres por objeto de reprodução e que acompanha sua constante luta por sobrevivência em um mundo que tirou de cada uma delas o direito à voz, à vida, à dignidade e à liberdade.

Atwood faz sua escrita transitar por vários gêneros sempre carregando em sua bolsa ficcional perspectivas femininas até que em 2003 retorna à distopia com *Oryx and Crake*, que dá início à trilogia *MaddAddam*, em que nos apresenta um mundo dividido entre a *Pleebland*, onde com a natureza devastada, há violência e um caos total, e complexos biotecnológicos, onde são realizados experimentos genéticos, criadas inúmeras espécies híbridas e alimentos artificiais, com um controle corporativista opressor. A história é contada na forma de uma narrativa não linear, cronologicamente desordenada, e que mostra, de distopia, a apocalipse e pós-apocalipse, com muitos retornos, idas e vindas e quebras narrativas (entre narrador, narrador-personagem, cartas, hinos, contação de histórias e relatos/ diários/ memória) como as coisas foram acontecendo, evoluindo ou se deteriorando até colapsar. Aqui, no entanto, focaremos a nossa análise apenas no segundo romance da trilogia, que apresenta uma narrativa interessante quando se trata de pensar o Ecofeminismo.

O romance começa no ano 25, ano em que ocorre a disseminação do vírus, e a cada novo capítulo, temos acesso a um dos hinos dos Jardineiros de Deus e a uma breve narração sobre a filosofia da religião, que geralmente reflete sobre os pontos de análise e crítica trazidos pela autora em relação ao encaminhamento da vida como conhecemos fora da ficção e que se mistura às causas que levaram às consequências trazidas ao ápice na trilogia, como a extinção de inúmeras espécies a destruição ambiental que reverbera na escassez de recursos. Aqui, a perspectiva apresentada é a de duas personagens femininas que sobrevivem ao apocalipse, antes, durante e após os eventos, de maneira simbólica e que discute o nosso devir-terrano. Toby está presa no antigo *AnooYoo Spa*, onde trabalhava pouco antes do dilúvio, lugar responsável por oferecer tratamentos estéticos. Ren, está presa em uma sala de acompanhamento, esperando o resultado de seus exames na *Scales&Tails*⁵. Temos dois pontos de vista

⁵ Espécie de boate de strippers e divertimento sexual frequentada pela mais alta patente das corporações. A *Scales&Tails* (Escamas e Caudas - se *Tails*, mas aqui Escamas, o que pode se referir às roupas com escamas e se *Tales* (pela pronúncia muito próxima) às histórias que estão sendo contadas por Ren sobre o local. Faz parte da SeksMart, controlada pela CorpSeCorps: uma boate de divertimento adulto que *mantinha as garotas sujas mais limpas da cidade* (p. 18) O comércio nas ruas e a cafetinagem foram proibidos sob a alegação de que seria melhor para a saúde pública e a segurança das mulheres. Para o trabalho, elas usavam roupas de malha de biofilme e caso algum acidente acontecesse, eram mantidas

narrados de diferentes formas. Ao longo do romance, existem capítulos e subcapítulos, que indicam o ano que está sendo narrado e a quem pertencem aquelas memórias. O grupo eco religioso mantém a terraformação de um jardim reerguido no caos. Assim, é interessante pensar que, ao mesmo tempo em que esse jardim representa a criação de um novo mundo, ele funciona como um lugar de refúgio dentro de um mundo maior que eles gostariam de salvar, e que de certa forma tentam. Toby conta suas memórias em uma comparação entre distopia e pós-apocalipse e as histórias de como sobreviveu. As histórias de Ren e Toby conectam-se por pequenas nuances e justificativas para acontecimentos antes relatados de um outro ponto de vista de modo que cada uma relata a perspectiva pessoal de acordo com o que vivenciou na distopia e o que interessa a sua vida. Ren precisa lidar com questões que vive por ser uma personagem feminina e sem recursos, como o trabalho na S&T, e ainda antes na infância, como as condições precárias e, por vezes, insalubres e insuficientes dos jardineiros, assim como Toby, que desenvolve inúmeras táticas de sobrevivência ao apocalipse. Para Ren e Toby, a necessidade e a falta de recursos faz com que precisem passar por situações como a venda do próprio corpo, dos óvulos, abusos sexuais, esterilização por “acidente” ou a perseguição de criminosos assassinos. As duas, de maneira simbólica e corajosa, encontram sua sobrevivência no mundo-caos, percebendo que a única forma de desviar da morte e do fim já esperado para duas mulheres no capitalismo corporativista de *MaddAddam*, é subvertendo a ordem e criando suas próprias formas de coabitar e fugir da narrativa comum.

O grupo em que Toby e Ren viveram recebe pessoas que estão, por vezes, na condição de fugitivos do sistema se dá pela tentativa desses cientistas de modificar a ordem existente no modelo corporativista. Neste grupo está, por exemplo, Pilar, personagem mais velha que ensina a Toby as inúmeras propriedades medicinais das plantas cultivadas no terraço dos Jardineiros. Isso diverge da relação que a indústria farmacêutica existente no romance impõe às pessoas dos complexos e àquelas submissas a ela: remédios falsos e vitaminas que carregam doenças para que o sistema de saúde continue lucrando com a venda de curas e procedimentos médicos, além de outras formas de submeter os indivíduos a tratamentos perpétuos. Uma situação semelhante é apresentada com a história do pai do personagem Crake, que revela a face mais cruel do controle corporativo: o personagem descobre que a empresa para a qual trabalhava lucrava com um ciclo perverso ao criar suplementos que adoeciam as pessoas para, em seguida, vender o tratamento para essas mesmas doenças. Ao tentar denunciar o esquema, ele morreu em um suposto acidente, um caso nítido de corporacídio. Esse termo define a eliminação sumária de funcionários que contrariam os interesses do sistema, ilustrando como as corporações silenciam vozes dissidentes para proteger seus lucros e manter sua impunidade. É um sistema que causa morte e que gira em torno do lucro que a exploração da natureza pode oferecer. Enquanto os jardineiros a concebem como uma virtude que cura, que salva e que deve ser respeitada através da simbiose,

na zona de segurança até saírem os resultados dos exames e terem certeza de que não haviam sido contaminadas com nenhuma doença. O Cafetão, Mordis, as mantinha “seguras” e fazia acreditar que eram parte de uma família ali.

exemplificada pelos conhecimentos de Pilar e Toby sobre as plantas mostrando como tal saber é essencial para a vida de todas as espécies. A relação com a natureza é um presente, uma dádiva, e não algo a ser explorado de maneira irresponsável, dando voz a uma forma de devir-com que subverte a narrativa principal.

Com os ensinamentos de Pilar, Toby se tornou responsável por cuidar das plantas e das abelhas, com quem mantinha uma relação de companheirismo e troca: como “Mestra de Mel”, Toby utiliza a apicultura para garantir alimento e cura, tratando as abelhas como aliadas vitais em sua resistência. Ela mantém um diálogo ritualístico com as colmeias, depositando nela seus segredos. Essa simbiose técnica e emocional transforma o cuidado com a natureza em sua principal ferramenta de sobrevivência e coragem. Os Jardineiros de Deus operam como uma colmeia humana onde cada membro, de apicultores a herbalistas, desempenha um papel vital na regeneração do ecossistema urbano. Através da compostagem de resíduos e do cultivo de sementes nativas em jardins suspensos, eles transformam o cinza das cidades em refúgios de biodiversidade. Essa estrutura garante que o grupo não apenas sobreviva ao meio, mas atue como um agente ativo de cura e equilíbrio entre a humanidade e o mundo natural.

Na distopia, a personagem lida com ameaças e riscos iminentes por ser fugitiva das corporações, já que sua mãe foi morta por medicamentos adulterados e sua família tentou fazer justiça. Sobreviveu a estupros, perseguições, escassez de alimentos e à vida sem identidade como fugitiva do sistema, até se juntar aos jardineiros e logo após se tornar fugitiva novamente, tendo que mudar seu nome e sua aparência. Após o dilúvio, Toby tenta sobreviver em isolamento no antigo *Spa*, onde, cercada por animais híbridos do lado de fora, ela tenta se proteger a partir dos conhecimentos que adquiriu com os jardineiros no mundo distópico. Neste momento temporal a narrativa, as leis anteriores ao dilúvio, as corporações, já não eram mais válidas e não há mais uma sociedade. Ela transforma um centro de estética em ruínas em uma fortaleza autossustentável. Para Toby, a sobrevivência no *Spa AnooYoo* não é um ato de desespero, mas uma demonstração de coragem inabalável e resiliência estratégica. Ela transforma o isolamento em uma tática de resistência, mantendo a mente afiada ao seguir uma rotina rigorosa que exige autodisciplina absoluta. Ela aplica com maestria os conhecimentos botânicos para cultivar a vida em meio ao deserto urbano, tratando cada planta não apenas como alimento, mas como uma aliada na luta pela continuidade. Ao vigiar as câmeras com olhos atentos e proteger seu refúgio, Toby recusa-se a ser uma vítima do caos; ela se torna a guardiã de si mesma, enfrentando o silêncio do mundo com a dignidade de quem escolheu, dia após dia, não se render.

Considerações finais: Literatura, além do capitalismo e ecofeminismo

Através das conexões rizomáticas entre literatura menor em Deleuze e Guattari e o que é ficção de Le Guin, buscamos mostrar que o ecofeminismo literário da ficção científica escrita por mulheres nos possibilita pensar outras formas de agenciamentos

para além do capitalismo, afinal o modelo se mostra apocalíptico em diversos sentidos e quem mais é afetado por esse modelo são as populações mais vulneráveis. Como alternativa, apresentamos a discussão do ecofeminismo e da teoria dos comuns presente tanto na crítica feminista de Silvia Federici quanto na discussão sociológica de Dardot e Laval.

O Ecofeminismo literário de Le Guin e Atwood ao considerar a luta e a sobrevivência de mulheres em mundos devastados e colonizados, e as discussões ambientais trazidas pelas duas autoras, nos permitem analisar as obras como outros mundos e formas de sobrevivência possíveis além do capitalismo. As relações entre os Jardineiros de Deus, Toby e as abelhas ou os Athsheanos e a floresta, indicam a terraformação de outras relações com o meio que criticam e negam a exploração capitalista predatória. Seja na terra devastada pela destruição perpetrada pelo capital ou através da tentativa de colonização humana em outro planeta depois de já ter esgotado os recursos em seu próprio lar. A construção desses agenciamentos propostos pelas autoras são formas de perceber a literatura menor como uma forma de revolução para além do capital, criando outros mundos possíveis e uma outra forma de relação com o meio através de uma simbiose.

As vozes que ecoam, resistindo ao canto da sereia da mão invisível do mercado, formam uma melodia que propõe reencantar o mundo, ressignificando o que foi perdido pela instrumentalização racional da ciência, serva do capitalismo. Tal melodia já vibra como resistência em meio ao rizoma da vida. Resta procurar formas de ampliar o alcance dessa melodia, a fim de que ela se torne tão alta que não possa ser ignorada pelos habitantes feridos da terra que são convidados a cultivar as sementes jogadas no caminho pelo feminismo, ecofeminismo e autoras de ficção científica.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

ATWOOD, Margaret. *In other worlds: SF and the human imagination*. London: Virago Press, 2011.

ATWOOD, Margaret. *O ano do dilúvio*. Tradução de Marcia Frazão e S. Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ATWOOD, Margaret. *The Year of the Flood*. New York: Anchor Books, 2009.

BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom. Introduction. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (ed.). *Dark horizons: science fiction and the dystopian imagination*. New York: Routledge, 2003. p. 1-12.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney. SF, ética, gênero e ecologia: Margaret Atwood. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 32, p. 11-26, jul./dez. 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*. Echalar, Mariana. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017..

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2024 v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2024 v. 4.

EAUBONNE, Françoise d'. *Feminismo ou morte*. Tradução de Cecília C. Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.

FERNANDES, Sabrina. Zonas de sacrifício do Sul Global. *Revista Rosa*, [s. l.], v. 1, n. 12, 11 dez. 2023.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. São Paulo: Elefante, 2022.

Disponível em: <https://revistarosa.com/12/decrescimento/zonas-de-sacrificio>. Acesso em: 27 abr. 2026.

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

LE GUIN, Ursula K. *A teoria da bolsa da ficção*. Tradução de Inês de Araújo. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LE GUIN, Ursula K. *Floresta é o nome do mundo*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Morro Branco, 2020.

LOVELL, Bronwyn. *A mulher na ficção científica*. Tradução de Jinny Melo. Mojo, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://mojo.org.br/a-mulher-na-ficcao-cientifica/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MBEMBE, Achille. *Comunidade terrestre*. Tradução de Sebastião Nascimento. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022. 208 p.

NUNES, Geni. [Participação em debate]. In: Floresta é o nome do mundo: um debate sobre colonialismo e povos originários ontem e hoje. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (88 min). Publicado pelo canal *Flip: Feira Literária Internacional de Paraty*. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/uu6VHX757gw>. Acesso em: 15 abr. 2026.

WEBER, Max. Ciência como vocação. In: *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. UNICAMP, 2011.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em: 10/05/2026

Aceito em: 13/07/2026